

A METAFÍSICA POSSÍVEL EM AUGUSTO DOS ANJOS

THE POSSIBLE METAPHYSICS IN AUGUSTO DOS ANJOS

Fabio Alcides de Souza⁴

Resumo: A partir do estabelecimento de possíveis influências em voga no final do século XIX, o presente artigo busca identificar elementos metafísicos – normalmente presentes em obras simbolistas – na poesia do escritor Augusto dos Anjos, que, detentor de um estilo próprio, apresenta características de diversas escolas literárias, sem, no entanto, pertencer a uma específica. De alguma maneira, a abordagem desta temática pode estabelecer novas possibilidades de estudo da obra de Augusto dos Anjos, tão marcada pelo aspecto mórbido, sombrio e sem esperança.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos. Metafísica. Simbolismo.

Abstract: From the establishment of possible influences in vogue in the late 19th century, this article seeks to identify metaphysical elements – normally present in symbolist works – in the poetry of writer Augusto dos Anjos, who, with a style of his own, presents characteristics of various literary schools, without, however, belong to a specific one. Somehow, this thematic approach may provide new opportunities for studying the work of Augusto dos Anjos, so marked by the morbid, gloomy and hopeless.

Keywords: Augusto dos Anjos. Metaphysics. Symbolism.

Introdução

Na segunda metade do século XIX, os avanços científicos e os progressos tecnológicos fizeram com que a industrialização de diversos países da Europa Ocidental fosse expandida sobremaneira, modificando completamente a vida daquelas sociedades, que passaram a estar predominantemente localizadas nas cidades, para onde houve grande afluxo de pessoas.

Num período marcado pela exaltação da ciência - e por doutrinas como o Positivismo, o Determinismo e o Evolucionismo -, a Literatura se afastou, gradativamente, da subjetividade presente no antecessor período romântico. Surgem então: o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo.

No entanto, “a euforia provocada pelos sucessos do binômio Revolução Industrial/Positivismo, baseada na crença do domínio do Universo por conquistas materiais e por experimentos, acabaria, no entanto, levando a séria crise” (GOMES, 1994, p. 12).

⁴ Mestrando em Literatura na Universidade de Brasília – UnB; Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Católica de Brasília e Licenciado em Letras Espanhol e Literaturas pela UnB. Correio eletrônico: fabioalcides@hotmail.com

É neste momento que surgem novos movimentos como o Decadentismo e o Simbolismo. Especificamente o Simbolismo irá trazer nova inflexão para aspectos mais subjetivos, numa busca por significados essenciais ocultos na realidade, a partir da mediação por símbolos.

Segundo Hugo Friedrich, a lírica contemporânea iniciada pelos simbolistas, traz em si a ideia da dissonância como forma de provocar ao mesmo tempo incompreensibilidade e fascinação. Neste sentido, "a linguagem poética adquire o caráter de um experimento, do qual emergem combinações não pretendidas pelo significado, ou melhor, só então criam o significado" (FRIEDRICH, 1978, p. 17)

Na obra *A Literatura no Brasil*, o crítico Afrânio Coutinho apresenta a proposta do teórico Addison Hibbard sobre a existência de treze elementos caracterizadores de um poema simbolista, dentre eles:

conteúdo relacionado com o espiritual, o místico e o subconsciente; concepção mística da vida; interesse maior pelo particular e individual do que pelo geral ou universal; tom altamente poético; fuga da realidade e da sociedade contemporânea; conhecimento intuitivo e não lógico; ênfase na imaginação e fantasia; e linguagem ornada, colorida, exótica, poética, em que as palavras são escolhidas pela sonoridade, ritmo, colorido [...] para criar impressões sensíveis, sugerindo antes que descrevendo e explicando. (COUTINHO, 1969, p. 10)

Considerando que um dos aspectos mais marcantes da literatura de cunho simbolista é a utilização de elementos transcendentais, místicos, de ordem metafísica; este artigo busca indicar a utilização destes elementos na obra do poeta paraibano Augusto dos Anjos, contemporâneo deste período.

Poesia metafísica

A chamada "poesia metafísica" teria suas origens ainda no século XVII, na Inglaterra; posteriormente, já no final do século XVIII, haverá a retomada desta temática pelos filósofos românticos alemães, com o objetivo de "refletir sobre o incognoscível, aproximar-se do misterioso, compreender o Absoluto, unindo intelecto com as regiões obscuras da alma" (MELLO, 2009, p. 12).

Esta aproximação com o mundo oculto, não atrelado a leis racionais e peremptórias, será comum em obras românticas do século XIX, e, posteriormente, ao final do século, será retomada pelo movimento simbolista.

O Simbolismo mantém temas e inquietações dos românticos, mas desbasta alguns de seus excessos, preocupa-se em romper com a clareza clássica que os românticos em parte preservaram e, ainda, preocupa-se com teoria estética. (MELLO, 2009, p. 12).

Diversas ideias convergirão para a inspiração dos simbolistas, especialmente a obra do filósofo alemão Arthur Schopenhauer, que, em seu livro *O Mundo como Vontade e Representação*, introduz o conceito de “vontade”: o mundo não seria apenas o que se nos apresenta, pois se assim o fosse, “nada além de representação, aparição fugidia e inconsistente, espelho enganoso de uma realidade desconhecida, ele seria pouco digno de nossa atenção”. (BOSSERT, 2011, p.173)

Além da inspiração na obra de Schopenhauer, os simbolistas também foram influenciados pelo pensamento do mundo oriental, algo que já havia ocorrido, anteriormente, com os românticos. Neste sentido, “a poesia encaminha-se paulatinamente na direção de uma espécie de meditação espiritual”, onde “o apelo ontológico do homem parece ser o fim ideal e inacessível da arte” (MELLO, 2009, p. 20).

A utilização da expressão “poesia metafísica” atenderá a ideia de uma arte que está orientada na “direção do abstrato e não da experiência, sendo, portanto, de ordem transcendental” (MELLO, 2009, p. 20), na busca de algo absoluto, atemporal, em contraposição à realidade objetiva. “Ao anseio de fugir da realidade corresponde o anseio de encaminhar-se rumo a uma idealidade” (FRIEDRICH, 1978, p. 123).

No que se refere a influências literárias, o Simbolismo brasileiro teve, primordialmente, influência dos simbolistas franceses, em especial, do poeta Charles Baudelaire, cuja obra foi “decisiva para definir os rumos da produção poética, traçando a fisionomia de uma fase e, deste modo, assumindo uma importância histórica que os períodos seguintes não conheceram.” (CANDIDO, 1989, p. 24)

Metafísica em Augusto dos Anjos

Em razão de características muito particulares, o poeta paraibano Augusto dos Anjos irá produzir uma obra, cujo enquadramento em determinado movimento normalmente não é plenamente adequada. No entanto, é possível verificar as influências de Schopenhauer e Baudelaire na poesia produzida por Augusto dos Anjos, conforme as observações abaixo de Anatol Rosenfeld:

a influência de Schopenhauer sobre Augusto dos Anjos afigura-se muito mais profunda do que a de Haeckel e Spencer; alguns de seus maiores poemas, como ‘Na

forja’ e ‘A floresta’, parecem inimagináveis sem a assimilação do pensamento do filósofo alemão) (ROSENFELD, 1996, p. 188).

O poeta e ensaísta, José Paulo Paes, em seu ensaio *Augusto dos Anjos ou o Evolucionismo às Avessas*, acrescenta:

o que é neutra abstração na filosofia de Schopenhauer vai transformar-se em dramática concretude na poesia de Augusto dos Anjos. O paradoxo do contemplador schopenhaueriano que, ao anular-se como indivíduo para se dissolver por inteiro na intuição da natureza, está ao mesmo tempo exacerbando a sua individualidade até dar-lhe o tamanho do mundo, ecoa emblematicamente no título do livro, o *Eu de letras garrafais* da primeira edição. (PAES, 1986, p. 31)

Em relação à influência de Baudelaire, conforme o crítico Carlos Nejar, Augusto dos Anjos seria uma espécie de “irmão mais moço de Baudelaire” (NEJAR, 2011, p. 235), enquanto Darci Damasceno, no ensaio *Sincretismo e Transição: o Neoparnasianismo*, estabelece que “a influência de Baudelaire em seus temas é tão evidente que desnecessário se torna qualquer exemplificação” (COUTINHO, 1969, p. 274).

Ambas as influências são importantes no que se refere ao tratamento da temática da metafísica, presente nas obras simbolistas, mas que poderia não ser elemento comum na obra de Augusto dos Anjos, permeada de elementos simbolistas e parnasianos – e até mesmo modernistas.

Na busca pela lírica de viés transcendental, a poesia metafísica utilizará de uma linguagem simbólica como forma de “aludir ao sentimento íntimo, ao incognoscível e ao misterioso” (MELLO, 2009, p. 24). A utilização de símbolos é, então, fundamental para a abordagem do mundo não perceptível, “as imagens empregadas são fugidias e abstratas, ajustando-se às instâncias intuídas e ao êxtase místico” (MELLO, 2009, p. 25).

Em sua poesia, em que pese a abordagem de questões científicas e a referência recorrente à morte como fim último, é possível observar na poesia de Augusto dos Anjos elementos de metafísica, que indicam a tentativa de buscar algo que esteja apartado da realidade visível.

O primeiro poema a ser analisado é *Solilóquio de um visionário*, constante da obra *Eu e outras poesias*:

Solilóquio de um visionário

Para desvirginar o labirinto
Do velho e metafísico Mistério,
Comi meus olhos crus no cemitério,
Numa antropofagia de faminto!
A digestão desse manjar funéreo
Tornado sangue transformou-me o instinto

De humanas impressões visuais que eu sinto
 Nas divinas visões do íncola etéreo!
 Vestido de hidrogênio incandescente,
 Vaguei um século, improficuamente,
 Pelas monotonias siderais...
 subi talvez às máximas alturas,
 Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,
 É necessário que ainda eu suba mais! (ANJOS, 1998, p. 19)

A primeira estrofe introduz a ideia de busca do elemento metafísico, denominado, com letra maiúscula: "Mistério". O percurso é representado na figura de um labirinto que o eu-lírico pretende "desvirginar", ou seja, é um caminho que nunca antes fora percorrido por ele. O "Mistério" não é apenas "metafísico", mas é também considerado "velho", a demonstrar que apesar de ainda virgem, não é um caminho que surgiu recentemente e que a relação com este "Mistério" não é natural ou cordial. No terceiro verso, a imagem do eu-lírico devorando seus próprios "olhos crus", no sentido de demonstrar que a digestão será difícil, além da necessidade de se tornar cego - ao menos racionalmente - para poder tentar ver o elemento metafísico. A estrofe é concluída com a exclamação "antropofagia de faminto!" que demonstra o desejo ávido, faminto de que o elemento transcendental exista dentro dele, a ser alcançado de forma antropofágica.

Na segunda estrofe, há a indicação que a digestão do "Mistério", ainda que num mórbido "manjar funéreo", ao transubstanciar-se em sangue transformou "o instinto" do eu-lírico, do que lhe é natural, do que lhe é pertinente ao mundo real, de meras "impressões humanas visuais" em "divinas visões" do "íncola etéreo", ou seja, as visões do morador do lugar transcendental, do próprio Deus. O "manjar funéreo" pode indicar também uma referência à eucaristia promovida pela Igreja em memória de Cristo.

A partir deste momento, o eu-lírico passa a viver no espaço do sublime, "vestido de hidrogênio incandescente" vai vagar durante um século "improficuamente", indicando a situação de desajuste em relação à situação. Fica explícita a insatisfação com a eternidade, com o absoluto, indicando que vagou "pelas monotonias siderais".

Na última estrofe, o eu-lírico acrescenta que, no processo de atingir o sublime metafísico "Mistério", ascendeu quase "às máximas alturas", mas indica, na sequência, que retornou, e voltou "com a alma às escuras". No entanto, deixa uma última concessão informando ser necessário que ainda "suba mais". O visionário do título também demonstra uma espécie de visão futurista, que permitiria uma esperança em algum futuro, mesmo que remoto.

Ao observar o poema como um todo, percebe-se o desejo de ir ao encontro do elemento metafísico, que apesar de se apresentar distante, de difícil acesso, e do eu-lírico demonstrar viver uma espécie de divórcio da ideia do sublime, ao final, a concessão deixa entrever uma espécie de esperança, ainda que débil, da existência de uma outra realidade possível, ainda que, aparentemente, extremamente improvável. A utilização de elementos simbólicos como o labirinto, o etéreo, a antropofagia, além da subjetivização do poema, cujo título "solilóquio" indica um diálogo consigo mesmo, são elementos do simbolismo presentes na poesia de Augusto dos Anjos.

Outro poema a ser considerado é *O meu Nirvana*, incluído posteriormente na reedição do livro *Eu*:

O meu Nirvana

No alheamento da obscura forma humana,
De que, pensando, me desencarcero,
Foi que eu, num grito de emoção, sincero
Encontrei, afinal, o meu Nirvana!
Nessa manumissão schopenhaueriana,
Onde a Vida do humano aspecto fero
Se desarraiga, eu, feito força, impero
Na imanência da Idéia Soberana!
Destruída a sensação que oriunda fora
Do tato -- ínfima antena aferidora
Destas tegumentárias mãos plebéias --
Gozo o prazer, que os anos não carcomem,
De haver trocado a minha forma de homem
Pela imortalidade das Idéias! (ANJOS, 1998, p. 52)

O título do poema já indica a influência da filosofia oriental, ao introduzir o conceito de nirvana, que no budismo seria o estado de superação atingido por uma determinada pessoa, no que se refere às necessidades físicas e materiais do mundo real perceptível. O título indica ainda que o eu-lírico se refere ao "meu Nirvana", ou seja, será estabelecido a sua experiência própria nesta busca do transcendente.

Na primeira estrofe, o eu-lírico indica o objetivo de se desligar do mundo real, do mundo da vontade, da necessidade. A forma de se alhear desta "forma humana" é através do pensamento, que possibilita que se desencarcere, ou seja, se liberte da prisão a que está submetido. Então, de forma exultante, que num "grito de emoção, sincero" afirma que encontrou afinal o seu "Nirvana".

Ao iniciar a segunda estrofe, é expresso que está numa "manumissão schopenhaueriana", ou seja, num processo de libertação advinda da filosofia de Schopenhauer. E então, o eu-lírico se afasta da condição da "Vida" (em maiúscula), enquanto passa a imperar

na "Ideia Soberana", que seria um símbolo do que é a essência do pensamento de Schopenhauer, a supremacia da "Ideia" sobre a vontade, sendo a "Ideia" uma espécie de arquétipo, algo transcendente que paira sobre a realidade.

Na sequência, o eu-lírico prossegue na apresentação do seu "Nirvana", onde há o afastamento do mundo sensorial - "Destruída a sensação" - do tato que não passaria de mera "antena aferidora" de "tegumentárias mãos plebeias", ou seja, algo capaz de perceber a realidade de forma plebeia, sem nobreza, medíocre, impregnada de desejos escravizadores.

Na última estrofe, há uma oposição entre o prazer sensorial e o "prazer" gozado pelo eu-lírico, um "prazer" que sobrevive aos anos, que está acima das necessidades comuns diárias. E agora, se substitui a "forma de homem", ou a representação do objeto "homem", pela imortalidade, e a transcendência "das Ideias", onde a "vontade" se queda vencida.

No poema *O meu Nirvana*, a influência da obra de Schopenhauer na poesia de Augusto dos Anjos se torna claramente perceptível, como é, inclusive, declarada. A busca pelo "Nirvana" que se encontra apartado do mundo (dito) real, e que é o lugar onde se suplanta as necessidades sensoriais, materiais; acaba resultando na busca pelo caminho das ideias, da "imortalidade das Idéias", que pode ser interpretado como uma representação do divino, que não está relacionado a religiões específicas, mas que simboliza o eterno, o absoluto:

O acesso ao mundo das Idéias ou arquétipos platônicos era tido, por Schopenhauer, como o privilégio do artista capaz de enxergar 'extremos por toda parte'. Tal gosto dos extremos se traduz, em Augusto dos Anjos, pela dupla visada de mundo em que se compraz na sua poesia. Raríssimas vezes detém-se ele, como o comum dos homens, na aparência das coisas. (PAES, 1986, p. 31)

Considerações Finais

Após as leituras dos poemas de Augusto dos Anjos, cuja obra não pode ser classificada como genuinamente simbolista, por apresentar características de outros movimentos literários, é possível perceber – ainda que sejam elementos não frequentes – que a metafísica se apresenta em alguns de seus poemas.

Por vezes, a relação com o elemento transcendente pode parecer conflituosa, como percebido no poema *Solilóquio de um visionário*, em que o divino – ou a possibilidade dele – parece perder o encanto, e não possibilita fé, mas que ainda assim, deixa remanescer uma réstia de esperança ao final.

Posteriormente, no poema *O meu Nirvana*, a fé em algo transcendente torna-se consolidada, permitindo gritos de emoção, e o alcance de uma serenidade que pode ser considerada bem incomum na obra de Augusto dos Anjos. É a partir deste encontro com o

próprio “Nirvana” que o elemento metafísico se perfaz na obra e permite a leitura de um algo sublime que, apesar de brevemente pontuado, possibilita novas leituras de Augusto dos Anjos, sem que necessariamente se perca o seu tom obscuro mais evidente.

Referências

- ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BOSSERT, Adolphe. *Introdução a Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2011.
- CANDIDO, Antônio. *Educação pela noite*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1978.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista: textos doutrinários comentados*. São Paulo: Editora Atlas, 1994.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. A Poesia Metafísica no Brasil. In: *A Poesia Metafísica no Brasil: Percursos e Modulações*, (org.) Ana Maria Lisboa de Mello. Porto Alegre: Libretos Editora, 2009.
- NEJAR, Carlos. *História da Literatura Brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos*. São Paulo: Leya, 2011.
- PAES, José Paulo. Augusto dos Anjos ou o Evolucionismo às Avessas. In: *Os melhores poemas de Augusto dos Anjos*. São Paulo: Global, 1994.
- ROSENFELD, Anatol. A costela de prata de Augusto dos Anjos. In: *Augusto dos Anjos. Obra completa*, (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.

Artigo recebido em: 03/05/16

Artigo aceito em: 12/06/16